

Fontes bíblicas da obra do humanista Inácio de Moraes

A questão das fontes e da intertextualidade dos textos do século XVI reveste-se de grande importância para o estudo da imitação literária praticada nesta época. De facto, era prática corrente, nas obras dos autores renascentistas, a imitação, adaptação, ou simplesmente transcrição de expressões, frases, versos, ou passos mais ou menos longos, de modelos clássicos greco-latinos, dos textos bíblicos, e até dos próprios humanistas.

A identificação dessas fontes é, por vezes, difícil, pois os humanistas nem sempre indicam o nome do autor ou da obra que lhes serviu de fonte e, muitas vezes, elas não passam de reminiscências mais ou menos vagas que, frequentemente, não resultavam da leitura directa das obras dos diferentes autores, mas eram obtidas através da leitura de colectâneas onde se organizavam tematicamente excertos de obras de diferentes autores, ou de antologias de lugares-comuns, de sentenças várias e de informações históricas¹.

¹ O *Viridarium* de Octaviano Mirandula (*Viridarium Illustrium Poetarum cum ipsorum concordantiis in alphabetica tabula a accuratissime contentis*. Venetiis accuratissime impressum per Bernardinum de Vital Veuetum, anno Salutis Cristiane MDVII), os *Epitheta* de João Ravísio Textor (*Epitheta studiosis omnibus poeticae artis maxime utilia, ab authore suo recognita ac in nouam formam redacta*. Parrhisiis (...) Anno MDXXIII), e a *Polyanthea* de Domenico Nano Mirabelo (*Polyanthea opus suauissimis floribus exornatum* (...) Coloniae. MDXLVI), são, entre outros, exemplos de algumas das colectâneas que podiam ser consultadas. Estas colectâneas funcionavam como verdadeiras enciclopédias gerais ou especializadas, onde os humanistas encontravam os passos mais importantes dos autores clássicos greco-latinos, dos medievais, dos humanistas, da *Bíblia* e da patrística, em áreas diversas como a história, a mitologia, a filosofia, a religião, a poesia, etc. (cf. S. T. PINHO, *Lopo Serrão e o seu Poema da Velhice*, Coimbra, INIC, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1987, p. 227).

A obra do humanista Inácio de Moraes² não foge a esta regra, não só porque as suas citações nem sempre têm a indicação do autor e/ou da obra, mas sobretudo porque as suas fontes são habitualmente adaptadas ou mesmo apresentadas de forma muito geral, não passando, muitas vezes, de meras alusões, o que dificulta a efectiva identificação de muitos dos passos que lhe serviram de fonte. Neste artigo vamos limitar-nos a identificar e comentar as fontes bíblicas da obra do humanista Inácio de Moraes.

As *Sagradas Escrituras* desempenharam, como veremos, um importante papel, enquanto fonte, particularmente em duas obras de Inácio de Moraes dedicadas a D. João III:

na **IGNATII MORA- / LIS oratio panegyrica ad inuictissimum Lusi / taniae Regem diuum Ioannem tertium nomine / totius Academiae Conimbricensis atque / in eiusdem scholis habita, ipsa etiam / Regis coniuge augustissima diua Caterina Lusitaniae / regina, & regni haerede / principe filio diuo / Ioanne / serenissimo eiusdemque regis sorore diua / Maria serenissima praesentibus.** s.l., s.d.: uma oração proferida na Universidade de Coimbra, em 8 de Novembro de 1550, e que nasceu do convite que, no dia 2 de Outubro de 1550, a Academia da Universidade de Coimbra endereçou ao próprio Inácio de Moraes para que este proferisse, em nome da Universidade, uma oração de saudação a D. João III, aquando da sua visita a Coimbra, em Novembro de 1550;

² Inácio de Moraes, professor, poeta e orador novilatino, nasceu em Bragança, no início do século XVI. Estudou em Paris, onde obteve o grau de Mestre em Artes (1530), e em Lovaina, onde se aperfeiçoou nas letras clássicas. Foi professor de Humanidades em vários colégios, nomeadamente nos do Mosteiro de Belém (1535), do Mosteiro de Penha Longa (1536), do Mosteiro da Costa (1537), e do Mosteiro de Santa Cruz (1540). Em 1542, regressou a Guimarães, ao Colégio da Costa, para aí reger a cadeira de Gramática. Em 30 de Setembro de 1546, D. João III nomeou Inácio de Moraes professor de uma cadeira de Poesia na Universidade de Coimbra. Em 1548, provavelmente com o intuito de melhorar a sua situação económica, o Humanista começou a frequentar a Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra, vindo a obter o grau de bacharel em Leis em 26 de Julho de 1554. Apesar da frequência do curso de Direito, a situação económica de Inácio de Moraes não melhorou; pelo contrário, viria a agravar-se após a morte de D. João III. Depois de enviuvar, em 1579, o humanista buscou abrigo no Mosteiro de Alcobaça, onde terá falecido nos finais de 1580.

A obra de Inácio de Moraes é composta por orações fúnebres e panegíricas, obras poéticas, composições poéticas e cartas dispersas.

Para a obtenção de mais dados sobre o humanista Inácio de Moraes e a sua obra, vide A. P. COUTO, *Inácio de Moraes – Vida e Obra*, Coimbra, 1995 (tese de doutoramento, policopiada).

e na **Ignatii Moralis oratio / funebris in interitum Serenissimi Regis Ioannis / ad patres conscriptos Conimbricensis / Academiae / Conimbricae. Anno M.D.LVII. / Excudebat Ioannes Aluarus Typogra- / phus Regius, apud quem est / uenalis**: uma oração que constitui uma das várias manifestações de luto da Academia Conimbricense pela morte de D. João III em 1557.

Nestas duas orações e também em duas outras composições poéticas de Inácio de Moraes, que referiremos mais adiante, são frequentes as influências bíblicas, quer através de citações *ipsis uerbis* ou com ligeiras adaptações, quer através de referências ou alusões mais ou menos genéricas a ideias, acontecimentos, ou simples factos, expressos em alguns textos bíblicos desde o *Génesis* até ao *Apocalipse*. São essas influências que vamos analisar ao longo deste artigo.

Génesis

Deste primeiro livro da *Bíblia*, Inácio de Moraes aproveitou o episódio do pecado de Adão e Eva, relatado no capítulo 3 do *Génesis*, para realçar as consequências do desrespeito pelas leis. Alude a este episódio bíblico nos vv. 39-45 do poema *In quosdam Dialecticos et Grammaticos*, inserido na obra **IN QVOSDAM / Dialecticos & Gramma / ticos, pro Iure peritis, / Ignatij Moralis Lusitani carmen: & alia / quaedam eiusdem / poemata. / CONIMBRICAE. Apud Ioannem Barrerium. / M.D.LXII**. Trata-se de um poema com 167 hexâmetros em que Inácio de Moraes, estranhamente³,

³ Dizemos «estranhamente» porque Inácio de Moraes, antes de ser jurista, foi professor de Humanidades, tendo mesmo elogiado e defendido acerrimamente os estudos literários numa carta que, em 1536, escreveu a Frei Brás de Braga (vd. esta carta e a sua tradução in A. P. COUTO, *op. cit.*, pp. 294-300). A transferência do Humanista para o grupo dos juristas – recorde-se que ele obteve o grau de bacharel em Direito Civil em 26 de Julho de 1554 — foi certamente ditada por razões de ordem económica e não por uma mudança radical nas suas convicções. Os seus contemporâneos sabê-lo-iam com certeza e, para eles, Inácio de Moraes continuava a ser um homem das Belas-Letras e não um homem do Direito. Deste modo, Inácio de Moraes, instigado por razões económicas, agravadas após a morte de D. João III em 1557, terá procurado mudar essa imagem, em busca de uma maior credibilidade no mundo do Direito. Esta será, porventura, a explicação que, na nossa opinião, poderá justificar a publicação desta obra polémica contra os seus antigos companheiros de letras, uma obra que constitui um cântico de louvor à excelência do Direito e à sua plenitude.

elogia o Direito e intervém a favor dos juristas, na questão dos causíficos ⁴:

I. Morais: *Discite iustitiam cuncti et non temnere leges
quas qui confringunt, poenis Deus afficit ultor.
Quod legem nostri primi soluere parentes
diuinam, cunctos permanat adusque nepotes
peccati labes, deducta ab origine prima.
Tanti interdicta libatum ex arbore pomum
constitit, et turpi morem gessisse colubro.* (vv. 39-45)

Aprendei todos a justiça e a não desprezar as leis,
pois Deus vingador castiga aqueles que as violam.
Porque os nossos primeiros pais desrespeitaram a lei
divina, o infortúnio do pecado proveniente da origem
primeira atinge todos os seus descendentes.
Tanto custou o pomo colhido da árvore proibida
e ter feito a vontade à pérfida serpente.

Josué

Num passo da *Oratio funebris in interitum serenissimi regis Ioannis*, Inácio de Morais recorre, como ele próprio afirma, à exortação de Josué aos israelitas (particularmente *Josué*, 23-24) — um discurso que procura mostrar que a fidelidade do povo de Israel ao seu Deus é que explica as vitórias conseguidas, e, por isso, deve servir de estímulo para lhe continuarem fiéis, mas que, ao mesmo tempo, procura alertar os israelitas para o perigo do contacto com outros deuses — para demonstrar que, apesar da morte do rei D. João III, os portugueses nada terão que temer e estarão prote-

⁴ Entre 1530 e 1540, a vida pública portuguesa era dominada pela polémica entre humanistas e juristas. Os humanistas viam com maus olhos os juristas, que eram considerados como elementos socialmente dominantes, como o protótipo do mundo medieval e bárbaro que era necessário afastar, de modo a que os humanistas pudessem ocupar o lugar que lhes competia. (Acerca da polémica entre os causíficos e os humanistas, vd. A. COSTA RAMALHO, *Para a história do Humanismo em Portugal*, I, Coimbra, INIC, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1988, pp. 185-189, e N. J. ESPINOSA GOMES DA SILVA, *Humanismo e Direito em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1964, pp. 194-209).

Este poema revela que a referida polémica ainda se mantinha em vigor em 1562.

gidos dos perigos se continuarem ligados a um único Deus e não o trocarem por outros deuses:

I. Morais: *Porro ut pericula caueamus, illud faciendum censeo quod Iosue Israelitas hortatur, ut pergant semper uni Deo adhaerere et caueant ne ad deos alienos deficiant.* (Fl. Bij).

Mas para que nos acautelemos dos perigos, penso que se deve fazer o que Josué exorta aos Israelitas: que continuem sempre a estar ligados a um único Deus e se acautelem de não o abandonar para se ligarem a outros deuses.

Embora esta exortação de Josué seja apresentada como se de uma citação se tratasse, ela não corresponde, contudo, a uma reprodução *ipsis verbis*; trata-se apenas de uma adaptação daquilo que é dito por Josué, nomeadamente nos seguintes passos:

*Jos. 23,16: Eo quod praeterieritis pactum Domini Dei uestri, quod pepigit uobiscum, et seruiertis diis alienis, et adoraueritis eos; cito atque uelociter consurget in uos furor Domini, et auferemini ab hac terra optima, quam tradidit uobis.*⁵

Se violardes a aliança que o Senhor, vosso Deus, fez convosco, servindo a outros deuses e prostrando-vos diante deles, o furor do Senhor se inflamará contra vós e, breve, desaparecereis desta excelente terra que Ele vos deu.

Jos. 24,20: Si dimiseritis Dominum, et seruiertis diis alienis, conuertet se, et affliget uos, atque subuertet postquam uobis praestiterit bona.

Se abandonardes o Senhor para servir a outros deuses, Ele voltar-se-á contra vós e far-vos-á mal, e consumir-vos-á depois de vos ter feito bem.

2.º Livro de Samuel ou 2.º Livro dos Reis

Um episódio deste livro é recordado por Inácio de Morais na *Oratio panegyrica ad inuictissimum Lusitaniae regem diuum Ioannem*

⁵ As citações latinas dos passos bíblicos foram feitas a partir da *Biblia Sacra, Vulgatae editionis Sixti V pontificis maximi iussu recognita at Clementis VIII auctoritate edita. Noua editio accuratissime emendata. A DD. Archiepiscopo Parisiensi approbata. Parisiis, apud Garnier fratres, Bibliopolas, 1868.*

A tradução portuguesa aqui apresentada é a da *Biblia Sagrada*, Lisboa, Difusora Bíblica, 121985.

tertium, onde o humanista compara a capacidade de sofrimento de D. João III à de David, dizendo que, tal como David continuou a dar graças ao Senhor, apesar da morte do seu filho (cf. 2 *Samuel*, 12), também D. João III, depois da morte do seu já único filho, o príncipe D. João, continua a dar graças à vontade divina:

I. Morais: *Denique quacunque accepta clade Davidis exemplo ad gratias diuino numini agendas animum conuertis.* (Fl. Bv.^o).

Finalmente, a exemplo de David, depois de teres aceitado qualquer tipo de desgraça, alteras o espírito para dares graças à vontade divina.

Esta comparação deve ter colhido a sua inspiração no seguinte passo do 2.^o Livro de *Samuel*:

2 Sam. 12,19-20: *Cum ergo David uidisset seruos suos mussitantes, intellexit quod mortuus esset infantulus; dixitque ad seruos suos: Num mortuus est puer? Qui responderunt ei: Mortuus est. Surrexit ergo David de terra et lotus unctusque est; cumque mutasset uestem, ingressus est domum Domini et adorauit.*

David notou que os seus servos cochichavam entre si, e compreendeu que o menino morrera. Perguntou-lhes: «O menino já morreu?» Responderam-lhe: «Morreu». Então David levantou-se do chão, lavou-se, perfumou-se, mudou de roupa e entrou na casa do Senhor para O adorar.

A coragem ímpar com que D. João III suportava os golpes que a fortuna adversa lhe foi lançando foi enaltecida por Inácio de Morais, ao realçar o estoicismo com que o rei suportou a sucessiva morte dos seus dez filhos e de quase todos os seus irmãos, atitude que contrasta com a de figuras tão notáveis como Sertório, Octávio César Augusto ou Alexandre Magno, capazes de suportar com resignação as dores do corpo mas incapazes de resistir às perturbações do espírito ⁶.

⁶ Cf. *Oratio panegyrica*, fls. Bv.^o-Bij. De facto, D. João III viu morrerem-lhe não só todos os seus filhos: D. Afonso (n. em 24/02/1526; f. com um mês); D. Isabel (n. em 28/04/1529; f. de tenra idade); D. Beatriz (n. em 15/02/1530; f. pouco depois); D. Dinis (n. em 06/04/1535; f. em 01/01/1537); D. Manuel (n. em 01/11/1531; f. em 14/04/1537); D. Filipe (n. em 25/03/1533; f. em 29/04/1539); D. António (n. em 09/03/1539; f. em 20/01/1540); D. Duarte (n. em 1521; f. em 11/11/1543); D. Maria (n. em 15/10/1527; f. em 12/08/1545); D. João (n. em 03/06/1537; f. em 02/01/1554); mas também quase todos os seus irmãos: D. Maria (n. em 1511; f. em 1513); D. António

3.º Livro dos Reis

À coragem estóica do rei não devia ser alheia a sua religiosidade, «a maior» — segundo Inácio de Moraes — «que alguma vez existiu num príncipe cristão»⁷. A religiosidade do rei, aliada às obras que mandou construir, levou Inácio de Moraes a compará-lo, na *Oratio funebris*, ao rei Salomão:

Salomonem in domo Dei et atriis aedificandis rex noster imitatus fuerit, et eiusdem praeceptis semper fuerit obsecutus. (Fl. Bij).

O nosso querido rei imitou Salomão na casa de Deus e nos templos construídos, e sempre obedeceu aos seus preceitos.

A fonte de inspiração para o estabelecimento desta comparação entre D. João III e o rei Salomão terá sido, com certeza, o 3.º Livro dos Reis, 1-11, onde é narrada a história do rei Salomão, famoso não só pela sua sabedoria e ciências divinas mas também por ter projectado grandes realizações monumentais.

Salmos

Na já mencionada *Oratio funebris in interitum serenissimi regis Ioannis* aparecem três referências aos Salmos, as duas primeiras sob a forma de citações e a terceira numa alusão genérica.

A primeira inspira-se no Salmo 17, do qual Inácio de Moraes aproveita a primeira parte do versículo 35 para, numa adaptação muito literal, exprimir a força de espírito que o Senhor incutia em D. João III, apesar de frequentemente o convidar para «os salutares

(n. em 09/09/1516; f. de tenra idade); D. Carlos (n. em 18/02/1520; f. em 15/04/1521); D. Fernando (n. em 05/06/1507; f. em 07/11/1534); D. Beatriz (n. em 31/12/1504; f. em 08/01/1538); D. Isabel (n. em 24/10/1503; f. em 01/05/1539); D. Afonso (n. em 23/04/1509; f. em 21/04/1540); D. Duarte (n. em 07/10/1515; f. em 20/09/1540); D. Luís (n. em 03/03/1506; f. em 27/11/1555).

(Cf. J. V. SERRÃO, *História de Portugal*, Lisboa, Editorial Verbo, vol. III, 1980, pp. 421-424.)

Os reis, por se lhes reconhecer autoridade moral em relação ao comum dos mortais, não podiam exprimir a dor que sentiam, sendo, por isso, obrigados a dissimulá-la. Esta dissimulação como que encarna o ideal estóico, tão prezado por reis e príncipes do Renascimento.

⁷ Cf. *Oratio funebris*, fl. Aiiij.º.

sofrimentos da própria cruz e para beber o cálice», proporcionando-lhe «graças para que vencesse todas as dificuldades»,⁸ de modo a que ele pudesse, como David, dizer:

I. Morais: *Tu doces manus meas ad proelium exemplo uirtutis tuae.*
(Fl. Aiiij).

Tu ensinas as minhas mãos para o combate, com o exemplo da tua virtude.

Ps. 17,35: *Qui docet manus meas ad proelium;
et posuisti, ut arcum aereum brachia mea.*

Ele adestra as minhas mãos para o combate
e os meus braços para retesar o arco de bronze.

A segunda referência aparece num contexto de reflexão sobre a morte, e consiste na transcrição, no fl.Bij da referida *Oratio funebris*, do versículo 15 do Salmo 115:

Pretiosa in conspectu Domini mors sanctorum eius.

É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos Seus fiéis.

para exemplificar que a opinião de Sócrates relativamente ao regresso das almas dos que viveram honestamente, para junto dos deuses imortais, donde vieram, não difere muito da verdade cristã. Diz Inácio de Morais:

Quae quidem Socratis sententia non multum abhorret a christiana ueritate et eo quod diuus Ioannes inquit: «beati mortui qui in Domino moriuntur». Et diuinus Psalter: «o quam pretiosa in conspectu Domini mors sanctorum eius». Vnde fit ut qui sibi bene conscius est, non cum philosopho dicat mortem esse omnium terribilium, sed cum Paulo potius: cupio «dissolui et esse cum Christo». (Fls. Bv.^o-Bij).

Na verdade esta opinião de Sócrates não difere muito da verdade cristã e daquilo que diz São João: «felizes os mortos que morrem no Senhor»; e o divino Cantor: «Oh, como é preciosa aos olhos do Senhor a morte dos seus fiéis». Donde resulta que aquele que está bem consciente não diz, com o filósofo, que a morte é a mais terrível de todas as coisas, mas diz antes com Paulo: desejo «ser destruído e estar com Cristo».

⁸ Cf. *ibidem*, fl. Aiiij.

Como veremos um pouco mais adiante, o Humanista, para ilustrar esta ideia, cita também, além do referido *Salmo*, S. João, *Apocalipse*, 14,13 e S. Paulo, *Filipenses*, 1,23.

Aquela que consideramos como sendo a terceira referência aos *Salmos* consiste numa alusão bastante genérica à promessa que Deus fez a David de permanência eterna do seu reino.

Diz I. Morais: *Deum ipsum (ut ad eosdem Israelitas David loquitur) regnum illius in sempiternum confirmaturum.* (Fl. Bij).

O próprio Deus (como David diz para os mesmos Israelitas) há-de fortificar o seu reino para sempre.

Esta alusão pode remeter-nos para duas fontes diferentes: para o *Salmo* 88, onde se fala de promessas de Deus a David:

Ps. 88, 37-38: Semen eius in aeternum manebit. Et thronus eius sicut sol in conspectu meo, et sicut luna perfecta in aeternum, et testis in caelo fidelis.

A sua descendência permanecerá eternamente, e o seu trono, como o sol, estará na Minha presença; estará firme para sempre como a lua, testemunho fiel nos espaços.

ou para o 2.^o livro de *Samuel* onde, em 7,16, o Senhor diz a David:

Et fidelis erit domus tua et regnum tuum usque in aeternum ante faciem tuam, et thronus tuus erit firmus iugiter.

Tua casa e teu reino permanecerão eternamente, e o teu trono será firme para sempre.

Com esta alusão, Inácio de Morais pretende afirmar que, à semelhança do que Deus prometeu para o reino de David, também ao reino de D. João III ele há-de conceder duração eterna, pois o rei português sempre obedeceu aos preceitos divinos.

Provérbios e Eclesiastes

Inácio de Morais cita um passo de cada um destes dois livros bíblicos na *Oratio panegyrica ad inuictissimum Lusitaniae regem diuum Ioannem tertium*, a propósito do gosto pela sabedoria

manifestado por D. João III que, também nesta paixão, imita o rei Salomão e ouve as suas palavras.

Para ilustrar esta paixão de D. João III, o humanista transcreve, com ligeiras diferenças, possivelmente de edição, um passo dos *Provérbios* no qual se enaltece o valor da sabedoria:

Prov. 3, 13-15: Beatus homo qui inuenit sapientiam et qui affluit prudentia; melior est acquisitio eius negotiatione argenti, et auri primi et purissimi fructus eius. Pretiosior est cunctis opibus; et omnia quae desiderantur huic non ualent comparari.

I. Morais: *Beatus homo qui inuenit sapientiam et qui effluit prudentiam; melior est acquisitio eius negotiatione argenti, et auro primo et fructus eius. Pretiosior est cunctis opibus et omnia quae desiderantur huic non ualent comparari. (Fl. Aiiijv.^o).*

Feliz o homem que encontrou a sabedoria e que é rico em prudência; é melhor a sua aquisição do que o negócio da prata, e o seu fruto é melhor do que o ouro puro. Ela é mais preciosa do que todas as riquezas juntas, e tudo o que se deseja não pode comparar-se-lhe.

Imediatamente antes deste passo, Inácio de Morais cita, *ipsis uerbis*, um versículo do *Eclesiastes*, para afirmar que D. João III imita o rei Salomão na paixão pela sabedoria e, por isso, ouve o que ele diz:

Eccle. 9,13: Hanc quoque sub sole uidi sapientiam, et probaui maximam.

Vi também, debaixo do sol, esta sabedoria e reconheci que era importante.

O amor de D. João III pela sabedoria foi realçado por Inácio de Morais na *Oratio panegyrica*, onde o Humanista afirma que o rei teve o cuidado de instruir e formar os seus súbditos, intrépidos e indomáveis por natureza. Para isso concedeu bolsas a vários estudantes portugueses para que pudessem estudar no estrangeiro, fundou e sustentou em Coimbra uma «nova Academia de Letras, capaz de competir com as escolas estrangeiras de todos os povos». Inácio de Morais justifica a paixão do rei pela sabedoria com o facto de o monarca ter consciência de que Deus não concedeu aos homens nenhum dom maior, e que ela é indispensável para uma

vida honesta e feliz, e necessária ao governo de qualquer nação⁹. Este entusiasmo régio pelas letras, que levou Inácio de Moraes a considerar D. João III o «maior patrono e mecenas das letras»¹⁰, é tanto mais digno de admiração quanto se sabe que D. João III era, como reconhece o próprio Inácio de Moraes, «um príncipe não muito culto»¹¹.

S. Lucas

Do Evangelho escrito por S. Lucas, encontrámos, na obra do Humanista Bragantino, duas citações. Inácio de Moraes inseriu uma delas na *Oratio funebris in interitum serenissimi regis Ioannis*, fl. Bv.º, para pôr na boca de D. João III as palavras que Cristo, a caminho do calvário, dirigiu às mulheres que choravam:

Luc. 23,28: ... nolite flere super me; sed super uos ipsas flete.

Não chorai por Mim, chorai antes por vós mesmas.

I. Moraes: *Nolite flere super me sed super uos ipsas flete.*

Compreensivamente, o Humanista alterou o *ipsas* para *ipsos*, já que as suas palavras não tinham como destinatário apenas as mulheres, mas sim todos os portugueses que choravam a morte do rei.

A outra citação aparece no verso 14 do *Conquestio de discessu Aarii Pineli a Lusitania*, um poema com treze dísticos elegíacos, inserido na já citada obra *In quosdam Dialecticos et Grammaticos (...) et alia quaedam eiusdem poemata*, em que o poeta lamenta a partida do Catedrático de Direito da Universidade de Coimbra Aires Pinhel para Salamanca e, ao mesmo tempo, censura Portugal e particularmente a Academia Conimbricense por pouco ou nada terem feito para o reter:

In patria acceptus nemo propheta sua est.

Em sua pátria ninguém é acolhido como profeta.

⁹ Cf. *Oratio panegyrica*, fls. Aiiiv.º-Aiiijv.º.

¹⁰ Cf. *ibidem*, fl. Cv.º.

¹¹ Cf. *Oratio funebris*, fl. Aiiijv.º.

verso esse que é uma adaptação de parte de um versículo de S. Lucas, 4,24:

Ait autem: Amen dico uobis, quia nemo propheta acceptus est in patria sua.

Em verdade vos digo: Nenhum profeta é bem recebido na sua pátria.

O Humanista inverteu o posicionamento de algumas das palavras do versículo em função da imposição métrica do «pentâmetro».

Inácio de Moraes aproveitou esta afirmação de Jesus Cristo, também ele rejeitado pelos seus em Nazaré, para, muitos séculos mais tarde, a adaptar à realidade jurídica portuguesa do século XVI que, segundo o Humanista, elogiava os juristas estrangeiros e desprezava, apesar do seu reconhecido valor, os juristas portugueses, neste caso concreto Aires Pinhel.

Filipenses

Como já referimos, a propósito do versículo 15 do *Salmo* 115, transcrito por Inácio de Moraes na sua *Oratio funebris in interitum serenissimi regis Ioannis*, fl. Bij, o Humanista recorreu também, ao falar do conceito de morte, à citação quase literal de uma frase de S. Paulo incluída num versículo da *Carta aos Filipenses*:

Phil. 1,23 Coarctor autem e duobus: desiderium habens dissolui, et esse cum Christo, multo magis melius.

Vejo-me apertado por duas partes: Desejo partir para estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor.

I. Moraes: *Cupio dissolui et esse cum Christo.* (Fl. Bij).

Apocalipse

Ainda no contexto da apologia da morte (vd. *Salmos* e *Filipenses*), enquanto libertação dos males desta vida e regresso dos justos ao convívio dos deuses, feita por Sócrates no *Fédon* de Platão, particularmente nos parágrafos 69e-84b, Inácio de Moraes recorre, na *Oratio funebris in interitum serenissimi regis Ioannis*,

fl. Bij, a palavras de S. João para provar que a opinião do filósofo grego não se afasta muito da verdade cristã:

Beati mortui qui in Domino moriuntur.

Estas palavras foram extraídas do seguinte passo do *Apocalipse*, 14,13:

Et audiui uocem de caelo, dicentem mihi: Scribe: Beati mortui qui in Domino moriuntur. Amodo iam dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis; opera enim illorum sequuntur illos.

E ouvi uma voz, vinda do céu, que dizia: «Escreve: Felizes os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, que repousem dos seus trabalhos, pois as suas obras os acompanham.»

Para além das fontes bíblicas já referidas, encontrámos no *In quosdam Dialecticos et Grammaticos*, vv. 76-91, a propósito do regresso da justiça à terra, e numa coexistência de representantes pagãos e cristãos, muito habitual nos autores do século XVI, uma referência a Jesus Cristo, filho de Maria, e à sua morte para salvação dos homens:

*Iustitiam leges monstrant quae continet omnes
in se uirtutes, in qua decus omne refulget.
Haec res cuique suas tribuit, metitur et aequa
pondus lance, tenens trutinam libramine recto;
saeuit in iniustos, et acuto fulminat ense.
Haec eadem terris migrarat in astra relictis
ferrea cum prauis surrexit moribus aetas,
cumque extincta fides hominum, et pudor omnis abiret.
At postquam e caelo proles diuina Tonantis
descendit, natusque intacta e uirgine fulsit
humani generis seruator iuris et aequi,
ipsa quoque aetherea delapsa ex arce reuisit
terras iustitia, atque iterum sua regna recepit,
et se caelesti patrono adiuta tuetur.
Qui patris impleuit legem, et sanciuit eamdem
ipse sua morte, atque hominum commissa piauit.*

As leis mostram a justiça que contém em si todas as virtudes e na qual brilha toda a honra. Ela atribui a cada um o que lhe pertence, avalia o peso com imparcialidade, segurando a balança com recto equilíbrio;

usa de rigor para com os injustos e fulmina-os com uma espada pontiaguda. Esta mesma, abandonando o mundo, emigrara para os astros quando surgiu a idade do ferro com costumes depravados e porque, extinta a fé dos homens, todo o pudor se fora embora. Mas depois que do céu desceu a divina prole do Tonante e o filho da imaculada virgem brilhou como salvador da raça humana e do justo direito; também a justiça, descendo ela própria da cidadela etérea, voltou a visitar o mundo e retomou de novo os seus reinos e defende-se, ajudada pelo patrono celeste. Este executou a lei do pai e, ele próprio, com a sua morte, a confirmou e expiou os crimes dos homens.

Embora este passo não tenha uma correspondência directa em nenhum passo bíblico em particular, porquanto a referência à morte de Jesus Cristo para salvação dos homens ocorre em muitos passos do *Novo Testamento*, no entanto é possível que Inácio de Moraes tenha colhido alguma inspiração em *Mateus*, 1,23; *Marcos*, 1,11; 9,7; 15,39; *João*, 19,25-27; *Romanos*, 5,6-8; *2 Coríntios*, 5,14 sqq.; *Gálatas*, 3,13.

Em suma, são estas as fontes bíblicas que detectámos na obra de Inácio de Moraes, e que são bem reveladoras do conhecimento que o Humanista Bragantino tinha das *Sagradas Escrituras*.

AIRES PEREIRA DO COUTO